

TULIET MARILIER

A Montanha das

FERAS

Primeiro
Capítulo



TRADUÇÃO

Julia Romeu

PREPARAÇÃO

Karine Ribeiro

REVISÃO

João Rodrigues
e Bárbara Parente

CAPA

Janaina Medeiros

DIAGRAMAÇÃO

Marina Avila



WISH



www.editorawish.com.br

© Copyright 2024. Este livro possui direitos de tradução e projeto gráfico reservados e não pode ser distribuído ou reproduzido, ao todo ou parcialmente, sem prévia autorização por escrito da editora.

BOA LEITURA!

Estas páginas digitais foram preparadas especialmente para leitura em celulares, tablets e Kindles.

Você tem total autorização para divulgá-las para seus amigos! ♥

catarse.me/juliet

Ou editorawish.com.br após o período da campanha

**APOIE A MONTANHA DAS
FERAS NO FINANCIAMENTO
COLETIVO**

É uma forma segura e participativa
para que você tenha acesso a brindes
exclusivos, valores especiais e seu nome
impresso no livro!



catarse.me/juliet

Ou editorawish.com.br após o período da campanha

PARA APOIAR, BASTA SEGUIR O PASSO-A-PASSO A SEGUIR:

- 1.** Escolha a recompensa de sua preferência, confira o valor total do apoio e clique em “Continuar”;
- 2.** Caso esta seja sua primeira vez utilizando o Catarse, siga os passos de cadastro na plataforma que estarão indicados na sua tela e siga para o meio de pagamento;
- 3.** Revise seu endereço cadastrado e selecione a forma de pagamento de sua preferência;
- 4.** Com a transação concluída, você já estará participando do projeto. Agora é só aguardar a conclusão da campanha e a chegada da recompensa em sua casa.

catarse.me/juliet

Ou editorawish.com.br após o período da campanha

JULIET MARILIER

A Montanha das

FERAS



CAPÍTULO 1

No entroncamento de dois caminhos, o carroceiro parou o cavalo de repente.
— Você desce aqui — disse ele.

A noite caía, e a névoa se fechava sobre a paisagem, curiosamente despida de silhuetas. Além dos tufos baixos de capim, a única coisa que eu conseguia enxergar ao meu redor era a placa de pedra, muito antiga, cuja inscrição mal se divisava em meio a uma camada de musgo. Meu corpo inteiro doía, de tanto cansaço.

— Mas isto aqui não é nem ao menos uma aldeia! — protestei. — É... é como... estar no meio do nada!

— Mas o dinheiro que você deu só dá para vir até aqui — respondeu o homem calmamente. — Não foi esse o nosso acordo? Já está tarde. E eu não quero ficar nestas paragens depois que escurecer.

Continuei sentada, paralisada. Ele não ia me largar ali naquele lugar deserto, ia?

— Mas você pode vir comigo — disse ele, em outro tom. — Eu tenho um teto, comida, uma cama confortável. Para uma coisinha bonita como você, existem outras formas de pagamento.

O homem pôs aquela mão pesada em meu ombro, fazendo-me estremecer, com o coração aos pulos. Saltei correndo da carroça, agarrando minha bolsa e o estojo de escrever que estavam

na parte de trás, antes que o sujeito os arrancasse e me deixasse sem nada.

— Tem certeza de que não vai mudar de ideia? — perguntou ele, olhando-me de cima a baixo como se eu fosse um pedaço de carne crua.

— Certeza absoluta — respondi, trêmula, e chocada por, em minha aflição, não ter percebido aquele olhar dele antes, quando havia outros passageiros na carroça. — Mas que lugar é este? Existe alguma aldeia aqui por perto?

— Se é que se pode chamar assim. — Ele fez um sinal com a cabeça na direção da placa de pedra. — Não sei se vai conseguir abrigo. Por aqui, de noite, o povo tem o hábito de se esconder atrás de portas trancadas, e com razão. E não estou me referindo às tropas dos normandos nas estradas, entende... estou falando de outra coisa. É muito melhor você vir para casa comigo. Eu tomo conta de você.

Joguei minha sacola sobre o ombro. Tinha na ponta da língua a resposta que ele merecia. *Não estou tão desesperada assim*, mas não fui corajosa a ponto de falar isso, ainda mais porque só me restavam quatro moedas de cobre na bolsa e, com gente em meu encalço, eu sabia que em breve talvez tivesse de acabar aceitando propostas como aquela para não morrer de fome.

Abaixei-me para examinar melhor a pedra gasta, sem deixar de vigiar o carroceiro. Ele não ia me atacar, não é? Se eu gritasse, ninguém me ouviria. A inscrição na placa dizia *Whistling Tor*. Que nome estranho. Enquanto eu examinava as letras cobertas de musgo, o homem foi embora, sem dizer mais nada. O barulho do casco do cavalo e o ranger das rodas foi diminuindo até sumir. Respirei fundo, dando a mim mesma uma ordem para ter coragem. Se havia uma placa, é porque existia uma aldeia e um abrigo.

Então segui pela trilha enevoadada em direção

a Whistling Tor. Esperava chegar logo à aldeia, mas o caminho se alongava, e a partir de um dado momento se tornou um aclave. À medida que eu subia, percebia, através da neblina, que estava penetrando numa floresta fechada, onde troncos escuros de carvalhos e faias se projetavam acima de uma massa sufocante de arbustos e sarças. Meu xale não parava de se prender nas coisas. Eu tentava abrir caminho com a mão livre, enquanto a outra segurava o estojo de escrever. Havia umas pedras estranhas no caminho, brancas, pontiagudas, que pareciam ter sido colocadas ali de propósito para atrapalhar o viajante desprevenido.

A escuridão caía. Ali, sob as árvores, as sombras, somadas à neblina, obrigavam o caminhante a andar devagar, com cautela, quase rastejando. Se ao menos eu não estivesse tão cansada. Tinha me levantado de madrugada, depois de uma noite péssima, passada sob o abrigo improvisado de

um muro de pedra. Caminhara durante toda a manhã. Naquela hora, o carroceiro me parecera uma boa ideia.

Há passos atrás de mim. E agora? Eu me escondo atrás das árvores até que a pessoa tenha passado? Não. Eu prometera a mim mesma ao fugir de Market Cross, e precisava cumprir tal promessa: *Eu serei corajosa*. Parei e me virei.

Um homem alto emergiu do meio da neblina, de ombros largos e andar firme. Mal eu tivera tempo de observar sua roupa imponente — um manto tingido de vermelho brilhante, um cordão no pescoço que parecia de ouro — quando um segundo homem surgiu atrás dele. Fui varrida por uma onda de alívio. Esse último, mais baixo e mais magro que o outro, estava vestido com um manto marrom e as sandálias de um irmão monástico. Os dois pararam a quatro passos de mim, parecendo ligeiramente surpresos. O crepúsculo e a névoa que se adensava davam a seus

rostos uma palidez fantasmagórica, e o monge era tão magro que quase parecia um esqueleto, embora tivesse um sorriso cordial.

— Ora, ora — disse ele. — A névoa nos trouxe uma bela dama, saída de um conto ancestral, meu amigo. Precisamos ser muito gentis, caso contrário, eu temo, ela nos jogará um feitiço terrível.

O homem do manto vermelho fez uma elegante mesura.

— Meu amigo tem uma queda por gracejos tolos — disse. Ele não sorri, seu rosto era sombrio, de lábios finos e olhos fundos; suas maneiras, no entanto, eram corteses. — Encontramos poucos viajantes por este caminho. Está indo para a aldeia?

— Whistling Tor? Sim. Estou em busca de abrigo por uma noite.

Eles se entreolharam.

— É fácil se perder quando a neblina cai

— disse o monge. — A aldeia fica mais ou menos em nosso caminho. Se a senhorita permitir, vamos acompanhá-la e nos certificar de que chegará em segurança.

— Muito obrigada. Meu nome é Caitrin, filha de Berach.

— Rioghan — disse o mais alto, o de manto vermelho. — Meu companheiro se chama Eichri. Deixe que eu levo seu estojo.

— Não! — exclamei. Ninguém ia pôr as mãos em meu material de escrita. — Não, obrigada — acrescentei, dando-me conta de que tinha falado de forma ríspida. — Eu consigo carregar.

Fomos em frente.

— Vocês vivem aqui perto? — perguntei aos dois.

— Bem perto — respondeu Rioghan. — Mas não na aldeia. Quando chegar lá, pergunte por Tomas. Ele é o dono do albergue.

Fiz que sim, já me perguntando se quatro

moedas de cobre seriam suficientes para pagar hospedagem por uma noite. Fiquei esperando que eles me perguntassem por que uma jovem estava andando sozinha numa hora tão tardia, mas nenhum dos dois falou mais nada, embora de vez em quando me dessem uma olhada enquanto andávamos. Percebi que minha presença despertara a curiosidade deles, algo além do espanto óbvio pelo meu aparecimento. Ao fugir de Market Cross, minha aparência era compatível com o que eu era, a filha de um artesão talentoso, filha de uma boa família, bem composta e respeitável. Mas agora estava exausta e desgrenhada, com a roupa amarrotada e cheia de lama. Minhas botas não tinham suportado bem a longa caminhada. E a maneira como fugi me deixara mal equipada para uma viagem. Do meu pequeno estoque de moedas, só o que restara eram aquelas quatro moedas de cobre, tudo o mais fora gasto para chegar até ali. Tive então uma outra ideia.

— Irmão Eichri?

— Sim, Caitrin, filha de Berach?

— Imagino que o senhor pertença a um monastério ou algo parecido, aqui por perto. Será que haveria também um lugar cristão de estudo e retiro para mulheres?

O monge sorriu. Seus dentes pareciam miniaturas de lápides, e isso fazia com que o aspecto dele fosse ainda mais esquelético.

— Sim, mas seriam muitos dias de viagem, Caitrin. Você pensa em se dedicar a uma vida de preces?

Enrubesci.

— Duvido que eu esteja apta a isso. Perdi a pouca fé que tinha. Mas pensei que um lugar assim pudesse ser um refúgio... Deixe para lá.

Tinha sido um engano fazer aquela pergunta. Quanto menos pessoas conhecessem minha situação lamentável, melhor. Fora uma estupidez

dizer para eles o meu verdadeiro nome, por mais amistosos que parecessem.

— A senhorita está precisando de dinheiro, Caitrin? — perguntou Rioghan, sem rodeios.

— Não.

O carroceiro me pusera em guarda. As boas maneiras de Rioghan não eram necessariamente confiáveis.

— Eu sou uma artesã — acrescentei. — Ganho meu próprio dinheiro.

— Ah.

Foi só o que disseram, e isso me agradou. Nada de perguntas invasivas. Nada de risos ante a ideia de que uma mulher fosse capaz de sobreviver sozinha, sem precisar vender o próprio corpo. Pela primeira vez em muitos dias, eu me senti à vontade.

Seguimos em silêncio. Eu não conseguia tirar os olhos do manto vermelho de Rioghan. O tecido

era sedoso e suntuoso, parecendo um manto vindo de um país distante, que tivesse custado caríssimo. Mas estava muito gasto, esgarçado em vários pontos. Será que Rioghan não tinha ninguém que pudesse consertar suas roupas? Alguém que usava um manto tão extravagante, para não falar no cordão de ouro que tinha no pescoço, deveria possuir criados sob suas ordens.

Ele percebeu que eu o observava.

— Um símbolo de autoridade — disse, e havia um tom de enorme tristeza em sua voz. — Um dia eu fui o principal conselheiro do rei.

Era difícil obter uma resposta certa sem ter feito perguntas inconvenientes. Por que ele fora “um dia” e agora não é mais? Rioghan não parecia tão velho assim, apenas triste e decrépito, impressão reforçada por sua palidez. Connacht era governada por reis do Uí Conchubhair. Ruairidh tinha sido rei supremo durante muitos anos. Devia haver muitos chefes comandando cada

região daquela parte do país. Como eu viajara na direção do oeste, vira paliçadas com estacas afiadas contornando as cidades. Também vira pessoas escavando trincheiras e erguendo amuradas em torno das casamatas dos líderes locais, feitas de barro e vime. Se em algum momento um rei precisara de seu conselheiro supremo, esse momento era agora, com os invasores normandos cobiçando essa última parte intocada da terra. Será que Rioghan tinha caído em desgraça com seu líder? Teria sido derrotado por um homem mais hábil?

— Peço perdão por ter ficado observando — falei, enquanto tomávamos um desvio do caminho, que descia. Abaixo de nós, as silhuetas que surgiam em meio à névoa sugeriam que finalmente estávamos perto de Whistling Tor. — É de um vermelho tão bonito. Estava me perguntando qual seria a tintura.

— Ah — exclamou Rioghan. — Você é tecelã? É fiadeira?

— Nenhuma das duas coisas. Mas me interesse por cores. É aquela a aldeia?

Os dois homens pararam ao meu lado, e eu também sustei o passo, olhando à frente. Uma barreira enorme circundava a aldeia, uma fileira de estacas pontiagudas, barras de ferro, velhos portões com farpas e outros equipamentos e peças letais. A névoa subira um pouco, revelando aqui um arado quebrado, ali uma pedra enorme, que devia ter exigido a força de oito ou dez homens para erguê-la. Era uma fortificação que não seria capaz de deter os normandos por muito tempo, mas que se revelava poderosa contra viajantes. E em toda a volta havia tochas acesas sobre imensas estacas.

— Parece que as pessoas de Whistling Tor não gostam muito de visitantes — falei, com

convicção. — Mas, como estou com vocês, acho que tudo bem.

Por trás do muro, via homens andando de um lado para o outro, mas a névoa tornava os detalhes obscuros. Comecei a descer a colina em direção à muralha, com meus dois companheiros atrás.

Estava a cerca de doze passos da muralha quando um objeto voou em minha direção. Eu me abaixei, protegendo a cabeça. Uma pedra de tamanho considerável atingiu o chão não muito longe de mim, seguida de uma chuva de pedras menores. Alguém gritou de trás do muro:

— Nem mais um passo! Fora daqui, filhos do demônio!

Nossa Senhora, o que era aquilo? Trêmula, espiei por entre as mãos com as quais protegia o rosto. Quatro ou cinco homens estavam de pé do outro lado da fortificação, todos com o rosto pálido

e de arma em punho: um tridente, uma foice, uma barra de ferro, um porrete com espinhos.

— Fora daqui, escumalha! — gritou um deles.

— Voltem para o lugar a que pertencem, o buraco do inferno! — acrescentou outro.

Será que a névoa me transformara em um monstro? *Corra, Caitrin, corra!* Não. Preciso ter coragem. Pigarreei.

— Eu sou só... — Minha voz falhou. *Uma escriba ambulante* podia ser a verdade, mas ninguém ia acreditar nisso. — Uma viajante. Vou visitar alguns parentes. Meu nome é Caitrin, filha de Berach.

Maldição, lá ia eu de novo, usando meu nome verdadeiro. *Controle-se, Caitrin.*

— Preciso de abrigo por uma noite. Não vou fazer mal nenhum.

Olhei por cima do ombro, perguntando-me por que Rioghan e o Irmão Eichri não falavam

nada, mas já não havia ninguém. Enquanto os habitantes de Whistling Tor atiravam pedras e insultos, meus dois companheiros tinham desaparecido silenciosamente.

Eu estava só. Não tinha ninguém a quem recorrer, a não ser a mim mesma. Isso não era novidade. Eu fora sozinha a Market Cross, dentro de uma casa cheia de gente. Devia sair correndo? Mas para onde? *Fale, Caitrin*. Aquilo não podia ser o que as aparências indicavam, óbvio. Só podia ser algum tipo de equívoco.

— Estou falando a verdade! — acrescentei. — Por favor, deixem-me entrar.

Então, tive uma lembrança.

— Eu poderia falar com Tomas?

Os homens da aldeia continuavam de pé, lado a lado, encarando-me. Pareciam ao mesmo tempo combativos e apavorados. Aquilo não fazia sentido. O que será que pensavam que eu

era, um exército de uma mulher só? Estremeci, apertando o xale contra o corpo, enquanto eles cochichavam entre si.

— Para onde mesmo você disse que vai? — perguntou o homem que segurava o porrete, sem me olhar direito nos olhos.

— Eu não disse — respondi. — Mas um parente de minha mãe vive nesta região.

Não era exatamente uma mentira: a família de minha mãe tinha mesmo vivido no extremo oeste de Connacht, mas já não havia mais ninguém lá, pelo menos que eu soubesse.

— Mandem chamar Tomas — disse alguém.

Uma trégua. Nada de mísseis voando, só muita conversa em voz baixa, e muita agitação do lado de lá da barreira, enquanto, do lado de cá, eu continuava esperando, em pé, à medida que escurecia. Eu me perguntava por quanto tempo ainda minhas pernas conseguiriam me sustentar.

— Você é o quê? — perguntou uma nova voz. Outro homem se juntara ao grupo, um senhor mais velho, com um jeito mais educado. — Gente normal não vem para Whistling Tor. Principalmente quando já escureceu.

— Você é Tomas? — perguntei. — Meu nome é Caitrin. Passei o dia inteiro na estrada. Só preciso de um lugar para dormir. E posso pagar.

— Se você não deseja nenhum mal, tem de provar! — gritou alguém.

— Como?

Eu me perguntei se seria submetida a uma revista ou a outras indignidades quando atravessasse a barreira. Jovens bem-nascidas não costumam viajar sozinhas. Devia estar claro para todo mundo que eu estava metida em alguma encrenca. E, depois do acontecido hoje, era fácil acreditar que os homens interpretariam isso como um convite.

— Diga uma prece cristã. — Quem falou foi o homem com o porrete, a voz grave denotando inquietação.

Eu olhei para ele. Independentemente de qual fosse a razão do medo daqueles aldeões, não eram os normandos que eles temiam, em sua grande maioria cristãos.

— Deus Todo-Poderoso, dai-me conforto em minha jornada e levai-me a um abrigo seguro. Que o bendito São Patrício me proteja. Santa Maria, intercedei por mim. Amém.

Houve uma pausa, e então o homem com o porrete baixou a arma. E o mais velho falou:

— Deixem-na passar, rapazes. Duald, faça com que a barreira seja bem fechada depois. É preciso todo o cuidado com essa neblina. Vamos, deixem-na entrar.

— Se você tem certeza, Tomas...

Barras, estacas e pedaços de metal foram

retirados, e eu passei para o lado de dentro em segurança.

— Por aqui — disse Tomas, enquanto eu murmurava um agradecimento.

Ele caminhou ao meu lado através da aldeia. As casas estavam muito bem protegidas, com objetos geralmente usados por pessoas supersticiosas: triângulos feitos com pregos de metal, tigelas cheias de pedras brancas sob os degraus e outros amuletos para afastar o mal. Portas e janelas hermeticamente fechadas. Algumas tinham barras de ferro. Com o bruxulear das tochas e mais a neblina, o lugar parecia saído de um pesadelo. No centro da aldeia havia uma construção maior, solidamente construída com barro e vime, com um telhado de palha escurecido pela chuva.

— O albergue de Whistling Tor — disse meu acompanhante. — Eu sou o estalajadeiro. Meu

nome é Tomas. Podemos conseguir para a senhorita uma cama por uma noite.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Eu já começava a achar que adentrara num mundo diferente, onde tudo era pelo avesso.

— Muito obrigada — disse.

A porta do albergue estava trancada. Ante o chamado de Tomas, uma mulher abriu cautelosamente a porta, e eu fui conduzida a uma cozinha onde um fogo ardia na lareira. Assim que entramos, a mulher fechou a porta da frente com uma barra de ferro.

— Minha mulher, Orna — disse Tomas. — Tome.

Ele estava enchendo para mim uma caneca de cerveja.

— Orna, a sopa ainda está quente? Essa menina parece estar precisando de comida.

Senti o peito apertado. E me esforcei para falar.

— Eu só tenho quatro moedas de cobre. Não creio que isso seja o bastante para pagar por cama e refeição. Mas eu não preciso comer nada. Só preciso me aquecer um pouco.

Os dois ficaram me olhando. Eu podia ver as perguntas que viriam, perguntas às quais eu não ia querer responder.

— Tudo bem, menina — acalmou-me Orna, colocando uma panela no fogo. — Você está indo para onde? Não aparecem muitos viajantes por aqui.

— Eu...

Hesitei, sem encontrar uma resposta satisfatória. Eu não tinha como lhes contar a verdade: que saíra de casa sem nenhum outro plano a não ser o de me manter o mais distante possível de Cillian. Mas tampouco me sentia confortável mentindo.

— Eu tenho parentes nesta região — disse. — Um pouco mais adiante.

— Você não vai conseguir transporte tão cedo — informou o estalajadeiro.

— Whistling Tor fica tão longe assim das estradas principais? — perguntei.

— Não tão longe que um carroceiro não possa trazer alguém para cá em pouco tempo — disse Orna, enquanto mexia a panela.

Um cheirinho bom se espalhou, fazendo minha boca se encher d'água.

— Mas eles não vêm — continuou ela. — As pessoas mantêm distância. Ninguém vem aqui. Este lugar é amaldiçoado.

— Amaldiçoado?

A coisa ficava cada vez mais estranha.

— Sim — confirmou Tomas. — Se você atravessar aquela barreira à noite, vai se ver frente a

frente com um perigo mortal, montanha acima. Mesmo durante o dia, tem gente que não faz o caminho que você fez.

— O nome é esquisito. Whistling Tor, a pedra do assobio. A montanha que você menciona é a tal “pedra”, imagino. Mas por que “do assobio”?

Tomas serviu cerveja para si e para a mulher, então se sentou num banco.

— Acho que um dia foi um morro comum, desses que são chamados de “pedra”, mas isso deve ter sido há muito tempo. A floresta foi crescendo no morro todo, e ele está cheio de presenças. Coisas que fazem você perder o caminho, depois engolem você e cospem os pedaços.

— Como assim? — perguntei, sem ter certeza de que queria ouvir a resposta.

— Manifestações — disse Tomas, num tom pesado. — Elas estão por toda parte. Não há como nos livrarmos delas. Elas foram chamadas

há muito tempo; faz mais de cem anos que elas infestam estas paragens.

— Ninguém sabe ao certo o que são — disse Orna. — Só sabemos que a montanha está coalhada delas. De todos os tipos, desde as pequeninas, que sussurram no seu ouvido, até os monstros gigantescos que nos escravizam. Aqui, tome isto.

Ela pôs uma tigela de sopa quente na minha frente, com uma fatia de pão rústico ao lado. Com ou sem monstros, comecei a tomar a sopa com entusiasmo, enquanto minha anfitriã continuava a falar.

— Whistling Tor, o nome está certo. Na montanha, o vento faz mesmo um som estranho entre as árvores. Mas Pedra do Sussurro seria mais exato. Se você sobe a montanha, começa a ouvir as vozinhas, e o que elas dizem não é nada agradável.

Era difícil saber o que perguntar.

— Como é que essas... presenças chegaram aqui?

— Elas foram chamadas, no tempo da minha bisavó. Estão por aqui desde então, e a maldição veio com elas. Recai sobre nós como uma sombra há quase quatro gerações.

— É por isso a muralha em torno da aldeia, e os guardas, então; eles não são para proteger vocês dos ataques dos normandos?

— Dizem que aquela gentinha com suas malhas de metal não vai chegar tão longe aqui no oeste — contou Tomas, bebendo um gole da cerveja e observando enquanto eu comia. — Já eu não tenho tanta certeza. Ouvi falar que alguns dos chefes estão armando seus homens, e que um ou dois trouxeram guerreiros das ilhas, uns *gallóglaih* brutalhões com seus machados pesados. Se os normandos vierem para Whistling Tor, estamos acabados. Não há ninguém para

nos proteger. Nem líderes, nem guerreiros, nem fundos para pagar por ajuda.

— E quanto ao rei supremo? Vocês não têm seu próprio chefe? Alguém que os protege?

— Ah! — exclamou Tomas, e havia um profundo desprezo no tom da voz dele. — Ruaridh Uí Conchubhair não está interessado em gente como a gente. Quanto ao chefe, o que temos é um insulto a seu próprio título. Ele é pior do que inútil. Fica escondido numa fortaleza enorme, lá no alto da montanha. — Ele fez um sinal em direção ao caminho que eu tomara para chegar até ali. — Vive cercado por criaturas maléficas. Ele manda os homens dele para cá em busca de suprimentos, paga umas míseras moedas de cobre e, muito de vez em quando, faz alguma melhoria, mas tomar uma atitude? Fazer um esforço para defender seu povo? Que nada. Ele recolhe impostos em grãos e animais, e não dá nada em troca. Não pisou os pés fora daquela

montanha desde que eu consigo me lembrar, e olhe que isso faz muito tempo.

— Ele é perito em urdiduras e meneios, pior do que a linha quando escapa do fuso — acrescentou Orna. — Nele, a maldição foi uma vingança. Mas talvez não devêssemos estar falando nisso. Não gostaria de fazer você ter pesadelos.

Evitei dizer a eles que minha própria vida era fonte suficiente para noites e noites de maus sonhos. Aquelas histórias fantasiosas eram uma maneira de me afastar dos problemas que eu teria de encarar no dia seguinte. Porque, afinal, eu só tinha dinheiro para pagar por um pernoite, na segurança daquela estalagem.

— Na verdade, encontrei dois homens no caminho para cá — expliquei. — Um deles era um monge. Eles me guiaram até a aldeia, mas desapareceram de repente, assim que os amigos de vocês começaram a jogar pedras.

O efeito dessa minha frase foi surpreendente. Tanto Tomas quanto Orna fizeram um sinal para afastar o maligno, entreolhando-se.

— Um monge, é? — perguntou Tomas, perturbado. — Um sujeito assim, com uns dentes grandes?

— Isso mesmo. O nome dele era Irmão Eichri. Ele me pareceu amigável. Aliás, os dois.

— Comparsas de Anluan, todos os dois — disse Tomas. — Se foi isso que Duald e os outros viram, não me admira que tenham atirado pedras.

— Anluan?

A conversa estava ficando complicada.

— Nosso chefe. Assim chamado chefe. Não consigo pensar em uma única coisa boa para falar sobre ele, bandido, parasita miserável, é o que ele é.

— Quer mais sopa?

Ante a pergunta de Orna, o marido calou a boca, mas o ódio em sua voz continuou vibrando no ar da cozinha.

— Se você chegou até aqui atravessando a floresta — disse ele, depois de um tempo —, foi sorte não ter encontrado o cão.

— Não tenho medo de cachorro — falei, cautelosa.

Houve uma pausa significativa.

— Não estamos falando exatamente de um cachorro, mas... do *Cão* — disse Orna.

— Ele é muito grande?

— Grande? Pode-se dizer que sim. A criatura consegue engolir um carneiro inteiro com uma só dentada. De manhã, tudo o que vamos encontrar são umas felpas de lã.

Agora eles estavam mesmo querendo me assustar. Se todos os viajantes que chegavam

à aldeia eram recebidos com histórias assim, não me admira que o lugar estivesse tão isolado.

— Tem uma cama feita no quarto dos fundos — disse Orna, vendo que eu terminara minha sopa. — Não tem nenhuma sofisticação, mas você vai ficar quentinha.

— Obrigada — falei, sentindo-me muito estranha.

Era novidade para mim ver-me totalmente desprovida de recursos. E sem abrigo para a noite seguinte. E estando completamente só.

— Eu agradeço sua gentileza — acrescentei.

— Está passando por momentos difíceis, não é? — perguntou Tomas.

Talvez ele tivesse boas intenções. Mas, depois do carroceiro, eu não queria mais correr riscos.

— É algo momentâneo — expliquei, então percebendo que não soava nada convincente. — Agora, preciso dormir. Vou ter de trancar a

porta. Especialmente com essas coisas por aí, essas que vocês mencionaram.

Nem por um segundo eu acreditava em pequenas criaturas que sussurram em nossos ouvidos, ou em cachorros monstruosos. Mas aprendera o suficiente sobre o monstro humano, e precisava de uma tranca na porta para conseguir dormir.

— São os frios, que se arrastam, que são os piores — disse Orna. — Eles cantam para nós, nos enfeitiçam com sua voz, e no momento seguinte você descobre que está andando por um caminho desconhecido. Meu próprio tio foi uma presa deles. Se querem você, eles a pegam.

Eu começava a pensar se tudo aquilo não era um sonho maluco, que me viera em consequência da exaustão e do sofrimento.

— Se Whistling Tor está tão cheio dessas criaturas, é estranho que o vilarejo ainda exista. Quer dizer, se eu entendi direito, essas...

manifestações... são uma praga na região há quase quatro gerações. Acho que os moradores já deviam ter apanhado suas coisas e ido embora daqui.

— Deixar Whistling Tor? — indagou o estalajadeiro, admirado.

Estava claro que ele jamais havia considerado essa ideia, e a achava inimaginável.

— Não poderíamos fazer isso. Whistling Tor é nosso lugar. Nosso lar.

— O quarto é por aqui — disse Orna, com certa rispidez, como se o assunto fosse doloroso demais para ela. — Passe a barra de ferro na porta e não abra até que o dia amanheça.

Não sonhei com presenças rastejantes nem com cachorros capazes de devorar um carneiro inteiro, mas sim com Market Cross e com Ita.

Minha parenta tentava mandar em mim mesmo durante o sono, e sua língua era como um chicote me açoitando por minhas imperfeições. *Você não vale nada*, a voz dela me recordava em sonho. *Você não é ninguém. Seu pai não deveria ter enchido sua cabeça com ideias loucas e aspirações impossíveis. As mulheres não ganham a vida desempenhando funções de homens. Berach devia tê-la feito aprender prendas domésticas, em vez de treiná-la para se tornar uma reles cópia dele próprio, como se você fosse um menino. E sinta-se satisfeita por ter parentes para cuidar de você, Caitrin. Você demonstrou que não tem condições de si mesma depois da morte de seu pai. E agradeça pelo fato de Cillian estar apto a lhe dar seu nome...*

No sonho, eu não tinha voz. Não podia gritar nem protestar, não podia dizer que a ideia de me casar com Cillian enchia meu coração de terror. Eu não podia dizer a ela que virar as costas para meu amado ofício significava trair meu

pai. Mas o fato é que, durante o longo pesadelo acordada que se seguiu à morte de meu pai, eu nunca respondera nada. Minha voz fora calada pela dor, e por uma recusa muda em aceitar que tudo o que eu mais amava tinha sido arrancado de mim. Mesmo agora, eu ainda não acreditava que, ao longo de um breve período de tempo, meu futuro brilhante e promissor se transformara em cinzas.

Agora, Ita e eu estávamos trancadas em uma pequena cela fechada a cadeado. O frio era cortante. Eu estava vestida apenas com uma combinação caseira, toda esgarçada. Ita estava raspando minha cabeça com uma faca. *Você não tem mais escolha, Caitrin, garota desobediente. Tem de ir para o convento. Lá, você vai ter tempo suficiente para analisar o resultado da sua loucura.* Um hábito de freira, de cor cinza, estava aberto sobre o estrado. *Pensando bem,* continuava a voz de Ita no sonho, *vamos fazer assim.* O chão da cela se abriu

sob meus pés. Eu caí, quase nua como estava, e na queda muitas mãos ossudas se estenderam para arranhar minha pele com suas unhas enormes. Um uivo enchia o ar, um som miserável, de desespero. Bocas me cercaram, cravando seus dentes pontiagudos em meus braços e pernas, nas partes macias do meu corpo, até que senti o fluxo quente do sangue sobre mim. *Você não é nada! Nada!* Uma gargalhada aguda, de escárnio. E eu continuava caindo, caindo, sabendo que ao chegar ao fundo me despedaçaria... *Durma*, sussurrou alguém. *Um sono profundo...*

Acordei, com o coração aos pulos, a pele banhada em suor, de terror. Onde eu estava? A escuridão era completa e eu tremia de frio. Um sopro de ar gelado varreu o quarto onde eu estava, que parecia uma cela. Uma cela... o convento, ah, meu Deus, não tinha sido um sonho, era real... Não, eu estava no albergue de Whistling Tor e tinha chutado as cobertas para o chão durante

o sono. Minha sacola e meu estojo de escrever estavam do meu lado, provas de que afinal eu conseguira ter controle sobre a minha vida e fugir de Market Cross. Meus olhos se encheram de lágrimas enquanto eu puxava de volta as cobertas. Estava tudo bem. Eu estava em segurança. O pesadelo tinha terminado.

Tinham sido ainda piores do que de costume, talvez por causa das histórias contadas por Tomas e Orna, e eu não tinha a menor vontade de tornar a me recostar e fechar os olhos de novo. Além disso, estava frio demais para dormir. Um arrepio viscoso me penetrava os ossos. Enrolando-me nas cobertas, pus-me a analisar a terrível situação em que me encontrava. Não tinha nenhum recurso além do meu ofício e do meu bom senso, e até eles tinham me abandonado ultimamente. Eu precisava pensar no que seria amanhã. Como conseguir transporte, se as pessoas raramente vinham a Whistling Tor.

Como pagar por isso sem ter dinheiro. E o pior, a questão que me dava um frio na barriga e que fazia minha cabeça ferver em busca de uma solução: como conseguir escapar da perseguição.

Minha cabeça girava. Meu pai, lívido e imóvel, caído no chão da oficina. A voz de Ita, sempre a voz dela, estabelecendo regras, dando ordens, fazendo as coisas acontecerem cedo demais, muito cedo, enquanto o choque e a dor me impossibilitavam de ter controle sobre mim mesma. E, assim que minha irmã se foi, os golpes. Ita era mestra em bofetadas e beliscões. E Cillian... Cillian me tinha em sua mira. Os hematomas em minha pele — azuis, pretos, amarelos, formando um mosaico de horror — iriam desaparecer. Mas havia outras feridas ainda mais fundas, que seriam mais difíceis de esquecer. *Você conseguiu, Caitrin*, eu dizia a mim mesma. *Você se ergueu e fugiu.*

Finalmente amanheceu, mas eu não tirei a

tranca da porta até que ouvi ruídos de pessoas se movimentando do lado de fora. Embora eu desse um desconto para as histórias de terror ouvidas durante o jantar, meu sonho me fazia relutante em me aventurar antes que a gente local me garantisse haver segurança. No instante em que eu levantava a tranca, Tomas veio bater na porta.

— Acendemos o fogo — disse ele. — Venha assim que se aprontar. Preparei um desjejum para você.

— Não posso pagar mais nada.

— Esqueça a taxa extra, garota. Você precisa botar alguma coisa no estômago.

Eu quase chorei. Fazia tanto tempo que não me via entre pessoas gentis. Logo, estava sentada à mesa, junto à janela do albergue, olhando para fora enquanto devorava um prato de pão com salsicha.

A névoa estava subindo. Eu via as casas da

aldeia e, por trás delas, um pedaço da muralha. Mais além, um morro recoberto de floresta. Bem no alto, dava para ver pedaços de um imenso muro de pedra, acima das copas de carvalhos e olmos. Torres também. O lugar parecia imenso, grandioso. Sem dúvida aquela era a fortaleza a que Tomas se referira, onde vivia o chefe da aldeia, inepto e patife. Pedra. Isso era estranho. Quem construía com pedra eram os normandos. Nossos próprios chefes tinham construções feitas de barro e vime. Aquele lugar era imponente. Situado ali, estrategicamente acima do terreno ao redor, tornava-se uma base ideal para um chefe regional, e eu me perguntava se os líderes dos normandos sabiam disso. Por uma fortaleza assim, eles sem dúvida se aventurariam rumo ao oeste.

A encosta além da muralha tinha vegetação fechada. Pássaros voavam de um lado para o outro. As histórias de criaturas perigosas na

floresta tinham me feito pensar em um castelo sombrio e proibido, mas a presença da vegetação suavizava essa visão. Por outro lado, a construção parecia isolada, até mesmo solitária. Mesmo que não tivesse ouvido as histórias da noite anterior, eu veria certa tristeza no lugar.

Do lado de fora, com um avental em torno da cintura, Tomas conversava com um homem que eu não vira na noite anterior, um sujeito grande, de queixo quadrado, cheio de facas no cinto e um machado pesado preso às costas. Ele usava um peitoral de couro, gasto, mas bem cuidado, sobre uma veste comum de lã. Os cabelos eram grisalhos, e caíam até os ombros em cachos bem enrolados. Quando ele e Tomas começaram uma discussão por alguma razão, Orna saiu carregando um embrulho, que jogou aos pés do homem. Não falou com ele, nem disse palavra alguma, apenas deu meia-volta e entrou em casa. Eu consegui ouvir a conversa deles através da janela aberta.

— E que tal me arranjar alguém para pelo menos me ajudar com os animais? Aquele garoto que você me mandou não ficou nem dois dias.

— Eles têm medo, Magnus. Você não pode esperar que eles queiram ficar naquele lugar de doidos, para não falar daquilo que está na floresta inteira. E não é exatamente uma fortuna que seu patrão paga para eles.

— Você sabe muito bem que um rapaz ou moça só pode esperar, pelo trabalho, um lugar para dormir e duas refeições por dia, além de, talvez, um trocado para levar para casa nos dias de festa. Nós precisamos de ajuda. E é totalmente seguro. O pessoal de Anluan não ataca sua própria gente.

— Não tenho como ajudá-lo — respondeu Tomas. — Pode dizer a seu Lorde Anluan que as pessoas comuns estão fartas de ser atacadas por essas criaturas na floresta, e estão mais cansadas ainda de ver que ele não faz nada para resolver

isso, nem para acabar com tanta desgraça que recaiu sobre a região, depois que o ancestral dele fez o inferno desabar sobre Whistling Tor.

— Ora, vamos, Tomas. Você sabe como as coisas funcionam. Pergunte na vizinhança, faça isso por mim, está bem? Não posso ficar sem um rapaz para me ajudar, e também estamos precisando de uma garota para cuidar da casa. E tem outra coisa. Anluan está precisando de alguém para uma tarefa especial, no verão. Alguém que saiba ler latim e escrever. Escrever bem, veja. *Rápido e correto*, foi o que ele disse.

Meu coração se acelerou.

Tomas fez um som de descrença.

— Mas para isso você não precisaria de um sacerdote? — perguntou ele. — Por aqui por perto de Whistling Tor, do jeito que as coisas são, você não vai encontrar nenhum. Está perdendo seu

tempo. Está bem, eu vou perguntar. Mas você já sabe qual vai ser a resposta.

Enquanto eu reunia meus pertences, o visitante jogou o saco sobre os ombros e saiu na direção da muralha da aldeia. Quando Tomas entrou carregando um feixe de lenha, Magnus já tinha desaparecido de vista.

— Esse homem aí fora — falei. — Magnus, não é? Ele disse que está precisando de um escriba para trabalhar na fortaleza?

Eu rezava para que aquilo fosse o presente que parecia ser: uma oportunidade incrível tanto de um lugar para eu me esconder, como de ter trabalho remunerado.

— Ele falou isso, sim — respondeu Tomas, arriando a lenha e me olhando com as mãos na cintura. — Alguém que saiba ler em latim. Por que ele me perguntou, eu não sei. Já é difícil encontrar um vaqueiro, quanto mais alguém letrado.

Mas, seja como for, é um ótimo posto. Parece que vai ser durante todo o verão. Vou lhe dizer a verdade, Caitrin. Não tem uma única alma na região que concorde em passar um verão inteiro naquele lugar, nem por toda a prata de Connacht. Não que isso tenha importância, afinal ninguém aqui sabe ler mesmo. Nem latim, nem irlandês, nem língua nenhuma.

— Quem é Magnus, exatamente? Um criado? Ele trabalha para o chefe, Anluan é o nome dele, não é?

— Acho que se pode dizer que Magnus é um intendente. Está aqui desde o tempo de Irial. Foi contratado como guerreiro, mas acabou ficando depois que Irial morreu. Magnus é estrangeiro, um dos *gallóglai*gh. Agora já não luta mais. É mais um fazendeiro e um faz-tudo. Não entendo por que ele continua aqui.

— Quer dizer que tem gente comum vivendo no alto da montanha, e não apenas essas... presenças?

Eu precisava correr para alcançar Magnus antes que ele desaparecesse pelo caminho da floresta.

Tomas me olhou sério.

— Magnus é o mais normal que tem por lá — disse.

— Preciso ir atrás dele — falei. — Eu posso pegar o serviço. Sei ler e escrever. Sou uma escriba experiente, e preciso de trabalho. Será que a barreira ainda está aberta?

— Você sabe ler?

A incredulidade de Tomas não me surpreendeu. As pessoas sempre reagiam assim quando ouviam falar das minhas habilidades.

— Uma garota como você? Isso é a coisa mais esquisita que eu ouvi na vida.

— O que vocês me contaram ontem à noite era muito mais estranho — retruquei. — Tomas, preciso correr, senão não vou conseguir alcançá-lo.

— Ei, ei, espere aí — disse Tomas, parecendo genuinamente alarmado. — Pode ser difícil acreditar naquela história que você ouviu ontem à noite, mas é a mais pura verdade. Com poucos dias lá, você vai descobrir isso por si mesma. Pode até ser verdade que você é letrada... você não ia mentir sobre isso, não é? Mas, como eu disse a Magnus, nenhum escriba em suas faculdades normais pegaria um emprego desses. E eu não acho que você seja boba, menina.

— Preciso lhe contar uma coisa — falei, decidida a revelar parte da verdade. — Estou sendo seguida e não quero ser encontrada. Não fiz nada de errado, mas tem uma pessoa atrás de mim e eu preciso fugir. E preciso muito de dinheiro. Você pode pedir aos homens para me deixarem cruzar a barreira, por favor?

Ele não gostou nada, tampouco os homens encarregados da barreira naquela manhã, diferentes dos da noite anterior. Mas os portões

foram abertos. Eles estavam começando a repor as barras de ferro quando eu cheguei lá.

— Você estaria totalmente segura aqui na aldeia, conosco — protestou Tomas. — Já lhe disse, ninguém vem até aqui.

Pensei em Cillian e seus amigos, homens grandes, fortes, de imaginação limitada. Cillian viria atrás de mim, eu podia sentir isso em meus próprios ossos. Nem que fosse por orgulho, mas ele viria.

— Vou tentar a sorte na fortaleza — falei, sem querer pensar muito. — Mas eu lhe agradeço. Vocês foram muito gentis.

— Boa sorte, então. Siga pela trilha. Vá direto até lá em cima. Meu conselho é: tape os ouvidos e corra. Se conseguir alcançar Magnus, talvez tenha uma chance de chegar inteira lá em cima — disse Tomas, parecendo duvidar disso.

Quando começava a caminhar, ouvi um

sujeito propor: apostava dez moedas de cobre que eu não chegaria à fortaleza. Ninguém pareceu se interessar.

Não havia nem sinal de Magnus. Eu seguia pelo caminho, sob as árvores. A névoa desaparecera. O sol brilhava, o ar estava frio. Passei pelo ponto em que eu e meus dois companheiros tínhamos pegado o caminho de descida na noite anterior, e subi por ali. Minhas pernas começavam a doer, porque o aclive se acentuava à medida que varava a montanha.

O caminho se estreitou. Havia outras picadas à esquerda e à direita. Junto a uma delas, vi uma pilha de pedras brancas. Perto de outra, as folhas de uma planta tinham sido amarradas, como se aquilo fosse algum sinal secreto. Não peguei nenhum dos dois caminhos, e me ative àquele que parecia ser o principal, embora houvesse entre todos uma semelhança que parecia feita para confundir. Espiando para o alto da montanha,

por entre as árvores, eu tentava me convencer de que estava enxergando um pedaço do muro da fortaleza. Não podia faltar muito.

Alguma coisa roçou o lado direito do meu rosto. Eu espanei, não querendo chegar lá em cima toda picada de insetos. Senti outra, do lado esquerdo. Dei um tapa, que doeu, mas não peguei nada. Logo depois, ouvi um assobio em meu ouvido e tomei um susto, olhando em volta. Mas não havia nada ali, só a quietude da mata, um silêncio tão profundo que não se ouvia nem o barulho dos pássaros. Fosse o que fosse, parecia ter sido mesmo algum mosquito inconveniente. O som recomeçou, um sussurro sem palavras. Os cabelos da minha nuca se eriçaram de medo. Apertei o passo, seguindo em frente. Mas aquilo continuou comigo, um roçar, um tremor, a sensação de que alguma coisa fria e fluida subia por meus ombros.

— Você está imaginando coisas — murmurei para mim mesma.

E então já não tive mais dúvida, porque foram palavras, palavras doces, suaves, sussurradas bem ao pé do ouvido: *Por aqui... Pegue essa picada sinuosa...*

Não havia ninguém, apenas a voz. Algo me fez olhar para a direita, onde um caminho menor, cheio de samambaias, parecia me chamar para uma parte mais densa da floresta. De um lado e outro, os troncos das faias brilhavam de musgo verdinho, sob o sol filtrado. Estremecendo, virei-me para o outro lado, e segui na direção oposta.

Não, por aqui! Era uma voz diferente, mais baixa, mais sussurrada, num tom gentil, persuasivo. *Por aqui... Siga-me...*

Por aqui, por aquiiii... Agora era um coro, um clamor em torno de mim. A floresta estava repleta de vozes.

— Parem! — gritei, sentindo-me ao mesmo tempo alarmada e tola. — E deixem-me em paz!

Alguma coisa bateu em meu braço direito, quase abrindo meu estojo de escrita. Dedos ossudos apertaram minha carne, trazendo de imediato a lembrança do pesadelo horrível da noite anterior. Eu me desvencilhei.

Algo agarrou meu braço esquerdo, enlaçando-me pela cintura, dedos rastejantes. Corri, minha sacola balançando atrás das costas, os pés escorregando no chão limoso da floresta, a pele arrepiada de horror. Saltei poças e esbarrei em pedras, me enredei em sarças e me feri nos galhos. Minha cabeça estava vazia, só pensava em fugir dali. Meu corpo parecia ser apenas o coração que martelava.

Esbarrei num tronco de bétula e parei ali, o peito ofegante. As vozes tinham se silenciado. Por todo lado, só se via a cobertura de arbustos, samambaias e trepadeiras, além das árvores, como um exército à espera. Já não havia mais o caminho.

Deveria ser uma escolha fácil, mesmo assim. Descer a montanha, chegar à aldeia, onde me deixariam entrar, depois de admitir meu erro. Ou continuar subindo e tentar chegar à fortaleza. Olhei em torno mais uma vez. Curiosamente, já não parecia haver em cima e embaixo na encosta. Toda vez que eu piscava, as coisas pareciam mudar de lugar. O espaço entre duas árvores, que acabara de aparecer, desaparecia. Uma pedra protuberante que poderia me servir de marco de repente se transformava numa massa de arbustos retorcidos. Naquele lugar, eu podia andar sem parar, que jamais conseguiria chegar a meu destino.

Você não escutou, sussurrou uma vozinha. Não prestou atenção. Você não pertence a este lugar.

— Você está perdida?

Eu dei um salto violento, virando-me na direção daquela voz potente, áspera. Entre dois gigantescos olmos, estava um homem extraordinário. Mal tive tempo de reparar em sua figura

atarracada, as faces rosadas como duas maçãs maduras, a barba cinza-esverdeada, parecendo musgo. Vi de relance sua roupa esquisita, uma túnica rústica com acabamento de pele, um apanhado de folhas e gravetos amarrado em seu cabelo que parecia palha, festões de vegetação em torno do pescoço. No instante em que ele deu um passo em minha direção, vi o que estava atrás dele. Se o homem era estranho, o cachorro era monstruoso. Assim que pus os olhos nele, acreditei nas histórias, os carneiros, os fiapos de lã, tudo. Era um animal gigantesco, malhado e de pelo curto, com um focinho daqueles que os homens gostam de ver em cães ferozes, e o tipo de mandíbula que agarra com força e não solta mais se a criatura não quiser. As orelhas eram pequenas; os olhos, maus; a postura, de ataque iminente. Era quatro vezes maior do que qualquer cachorro que eu tivesse visto na vida.

— Ele não vai morder — disse o homem, de repente. — Você está indo para onde?

Engoli em seco. Não era lá uma boa escolha: botar meu destino nas mãos daquela dupla, ou me deixar levar por aquelas vozes sobrenaturais por um longo caminho, que ia dar em lugar nenhum.

— Estou tentando chegar à fortaleza — falei, lutando para manter a voz firme. Se o cachorro pressentisse meu medo, ia querer me atacar.

— Você se desviou muito da trilha. Por aqui.

O homem estranho me estendeu sua mão calosa, segurou a minha e me ajudou a saltar por cima de um tronco caído.

— Não é muito longe, se você conhece o caminho. A estrada está malcuidada. As pessoas não costumam passar por aqui. Venha atrás de mim.

Fui atrás dele, e o cachorro me seguiu, rosnando baixinho. Sem olhar para trás, eu podia sentir seus olhinhos fixos em mim.

— Quietos, Fianchu! — ordenou o homem, e o som do rosnado foi baixando, mas continuava lá, uma ameaça subterrânea. — Ele não gosta muito de estranhos — explicou meu acompanhante. — Mas, se você for uma boa alma, ele vai acabar se acostumando com você. Por que você não fala com ele?

Ele parou, e eu parei atrás, sem coragem de me virar, ante a possibilidade de que a fera atirasse seu corpanzil contra mim.

— Vamos lá, tente — insistiu o homem, em um tom gentil.

Diante das circunstâncias, eu não tinha como recusar.

— O nome dele é Fianchu? — perguntei.

— Sim. E o meu é Olcan.

— Meu nome é Caitrin — falei. — Vim me encontrar com seu chefe para tratar de um emprego de escriba.

Virei-me muito lentamente em direção ao cachorro. Estava a dois passos de mim, e agora se sentara.

— Ei, Fianchu — disse, sem a menor sinceridade.

— Isso — disse Olcan, sorrindo. — Continue. Está vendo, ele gosta.

O rabo curto de Fianchu batia no chão da floresta num compasso ritmado. A bocarra se entreabriu num esgar de sorriso, revelando uma impressionante fileira de dentes. Encorajada, fui em frente:

— Ei, rapaz, gostei de ver, sentadinho. Muito bem.

E em seguida estendi a mão, com todo cuidado.

— Cuidado! — disse Olcan. — Ele gosta de abocanhar.

Esperando sinceramente que não fosse perder a mão, deixei os dedos estendidos para que

Fianchu pudesse cheirá-los. Eu olhava para ele, mas sem mirar diretamente em seus olhos.

— Muito bem. Bom rapaz.

O cachorro cheirou minha mão. Depois, botou a língua imensa para fora e começou a lambê-la.

— Acho que ele gostou de você — disse Olcan, abrindo um sorriso.

Fianchu tinha se deitado, com a cabeça enorme bem junto aos meus pés. Fiz carinho atrás de sua orelha e ele babou.

— Para dizer a verdade — continuou meu companheiro —, eu não tinha certeza se ele ia ficar amigo ou lhe dar uma dentada. Parece que você leva jeito.

— Que bom — respondi, meio trêmula. — Você mora na fortaleza, Olcan? Você trabalha para o chefe?

Olcan me lançou um olhar estranho.

— Não sou criado de ninguém — disse. — Mas pertença ao grupo de Anluan.

Logo, estávamos de volta ao caminho, que se estendia montanha acima, sinuoso, atravessando bosques de salgueiros e sabugueiros. Whistling Tor era muito maior do que parecia, vista lá de dentro. Finalmente, por entre as árvores à nossa frente, surgiu a figura maciça da muralha da fortaleza.

— Para os portões, tem de contornar um pouco — disse Olcan, parando. — Mas não vá descer a montanha.

— Muito obrigada — falei. — Eu fico muito agradecida. Onde exatamente...

Mas, antes que eu pudesse fazer mais perguntas, ele se virou nos calcanhares e desceu montanha abaixo, com Fianchu silenciosamente atrás. Outra vez, eu estava só.

CONTINUA NO LIVRO





FOTO: MIKE BELTAMETTI PHOTOGRAPHY

JULIET MARILIER é escritora em tempo integral há mais de vinte anos, após trabalhar como professora de música e ser servidora pública. Ela nasceu e estudou em Dunedin, Nova Zelândia — a cidade mais escocesa fora da própria Escócia —, mas agora vive na Austrália Ocidental.

A obra de Juliet combina ficção histórica, fantasia folclórica, romance e drama familiar.

Os fortes elementos de história e folclore em sua literatura refletem seu duradouro interesse por ambos. No entanto, suas narrativas focam, acima de tudo, nas relações humanas e nas jornadas pessoais dos personagens.

Ganhou diversos prêmios por sua escrita, incluindo cinco Prêmios Aurealis e quatro Prêmios Sir Julius Vogel, assim como os prêmios Alex da American Library Association e o Prix Imaginales. Em 2019, ela ganhou o prêmio Sara Douglass pela série *Blackthorn & Grim*.

Ela é ativa em sua comunidade de escrita local, mentorando aspirantes a escritores e ministrando oficinas. É também colunista recorrente na seção de escrita de ficção de gênero no blog *Writer Unboxed*.

Juliet é membro da ordem druida OBOD (*The Order of Bards, Ovates and Druids*) e seus valores espirituais frequentemente refletem em sua obra — a relação dos personagens humanos com o mundo natural representa uma parte importante,

assim como o poder da contação de histórias para ensinar e curar.

Quando não está escrevendo, Juliet se mantém ocupada com sua pequena matilha de cães resgatados. Ela tem quatro filhos adultos e oito netos.



catarse.me/juliet